

# REVISTA ILUSTRADA

## CORTE

ANNO 16 \$000  
SEMESTRE 9 \$000  
TRIMESTRE 5 \$000

## PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas  
À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.

## PROVINCIAS

ANNO 20 \$000  
SEMESTRE 11 \$000  
TRIMESTRE 1 \$000



*Depois da batalha eleitoral.*

○ *Marechal do futuro, à frente do seu exercito, volta triumphante e coberto de corôas de... folhas de café.*

# Revista Illustrada

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
Rua de Gonçalves Dias n. 50  
sobrado.

Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1887.

## Expediente

- Temos a agradecer os seguintes convites :
- Da *Directoria do Terceiro Club*, para as animadas corridas de domingo.
  - Da *Clas de Recreio* para o concerto do dia 11.
  - Da *Veloso Club* para os divertidos do dia 13.
  - Do *Congresso beneficente Martins de Paula*, para a Kerarese, promovida pela mesma sociedade.
  - Da *Sociedade Central de Imigração*, para a comemoração do seu 4º anniversario.

## ESPECIE DE CHRONICA

Começamos, d'esta vez, como o *Diario Official*, pelas noticias da corte!

Não vacillariamos, mesmo em escrever : —Sons Magestades e Altazas passam sem novidade em suas importantes saudes,—se isso exprimissem bem a verdade. Mas o imperante ainda não está, de todo, restabelecido, e a respeito do Sr. Cotegipe, correin boatos de crise.

Todavia, se não podemos usar da chapa do nosso estimavel collega, podemos, ao menos, approximar-nos d'ella. Ha boas noticias da Europa, não boas mesmo, que a tecnologia do palacio foi modificada. O estado de saúde do imperante, deixou de ser satisfactorio, para tornar-se lisongeiro, e esse melhoramento official não é de pequena monta, attenta a differença das duas palavras.

A primeira, bastante incolor e estafada, deixava no espirito uma certa apprehensão, como coisa já um pouco controvertida e suspeita.

A segunda, é mais expressiva e tem toda a frescura da novidade. Quasi que está em folha, e tem um zunho elegante, que não é para desprezar.

Applaudimos, pois, de todo o coração a mudança e damos graças aos céos, por nos vermos, finalmente, livres d'esse estado satisfactorio, que nos andava pondo á prova, a paciencia.

Estado lisongeiro, é muito melhor, tanto para a saúde, como para o estylo. Custou! Mas afinal sempre veio. Já era tempo.

Quanto aos boatos de crise, desde o momento que são logicos e verosimeis, recusamo-nos, terminantemente, a crêr n'elles.

Na politica de qualquer outra parte do mundo, pôde-se seguir o raciocinio. Sate nós, porém, a regra absoluta é o imprevisito.

Ora, nada mais natural do que uma crise, no ministerio, quando a nobre attitudde de S. Paulo, põe em violentos apuros o Sr. Rodrigo Silva, que tem de escolher entre a sua nobre e generosa provincia, com a abolição ou a junta do conce, seguida pelo Sr. Cotegipe, e enfundada aos eitos da Parahyba.

E' provavel, pois, que o Sr. Rodrigo Silva, vendo-se entre o Sr. Prado, o seu primeiro amigo, e o Sr. Cotegipe, um conhecido politico, se volte para aquelle que está sendo o primeiro homem da sua provincia, na actualidade, e que amanhã será aclamado, por todos, como um benemerito.

E' natural que o Sr. Rodrigo Silva, não se queira incompatibilisar com o futuro, permanecendo n'um ministerio que já tem certidão de obito. D'ahi a razão da crise: razão forte, clara, evidente, mas, que attendendo, aos caracteristicos da nossa politica, não se pode comar a serio. Pôde-se, pois, dizer: a crise é natural, logo não existe!

Só vendo-a, acreditaremos em tal!

Outro facto da semana, que não cessou de estar na ordem do dia foi o concurso do Premio de Roma, na Academia das Bellas-Artes.

Quasi que não ha voz discordante, na condemnação geral á congregação da Academia, suctora de uma verdadeira monstruosidade.

O seu *verdictum* é tido como um attentado, uma verdadeira conjuração da maldicridade contra o merito.

Um certo numero de grandes artistas desconhecidos, põe e dispõe ali, de um trecho do orçamento votado ás bellas-artes, em favor de quem quèr, dando-se ares de consagrar o merito triumphante.

Verdadeiras competencias no assumpto, como Bernardelli e Zeferino da Costa, são affastadas, para que a justiça não venha perturbar as deliberações burguezas da maioria.

O ultimo concurso, é uma irrisão. Todo é absurdo! N'um concurso a um premio de estudo, dão a um alumno pontos, que fariam tremmer os grandes mestres!

Projectar um Forum, em tão pouco tempo, e pintar a flagellação de Christo, são na verdade, dois cumulos.

Que pena, não poder a gente apreciar o que fariam esses julgadores, collocados no papel de candidatos!

Tal concurso, deve, forçosamente, ser annullado, por iniquo.

Os proprios laureados, se aceitarem esse favor da congregação, estarão perdidos para a arte! Toda a sua vida serão apontados, a dedo.

A commoção que este julgamento tem causado, n'um publico tomado de indifferentismo, pôde dar a medida da extensão da injustiça feita.

Mais uma vez, a Academia descarrilhou. E' forçoso que alguem a ponha aos trilhos.

JULIO VERIM.

## BIOGRAPHIAS

QUASI-INSTANTANEAS

V

Se este mundo é um theatro  
Eu que todos são actores,  
Eu pressinto que os leitores  
Vão decifrar de quem trato...

Nos papéis de mãe feliz,  
Nas desgraças, providencia,  
No palco da consciencia,  
Ahi sempre impèta actriz.

TERN.

## PEQUENOS ECHOS

Tivemos a satisfação de receber, terça-feira ultima, a honrosa visita do nosso distincto collega da *Gazeta de Noticias*, Dr. Dermeval da Fonseca.

Mais agradável surpresa não nos podia fazer o apreciado jornalista, que, ultimamente, tanto laureou o seu nome, na commissão espinhosa, que lhe foi confiada e á qual deu um brilhantismo, que ficará memoravel nos nossos fastos jornalisticos.

As suas correspondencias, chegaram a attingir o maximo da sensação e foram, durante algum tempo, um grande assumpto de actualidade.

A legendaria reportagem do chronista de New-York Herald, quando acompanhou o imperador d'aqui aos Estados-Unidos, empallideceu um pouco, com o que acaba de fazer o nosso collega da *Gazeta*.

Todos são accordes n'este ponto, e o futuro exaltarà, ainda mais, a decisão, a ha-

bilidade e o talento com que o nosso collega se desempenhou da sua commissão.

Ainda uma vez, á aqui lhe enviamos os nossos embóras.

Por um lapso, deixamos de noticiar em nosso ultimo numero, a modificação por que passára a *Semana*, passando da direcção do Dr. Valentim Magalhães, para o dos Srs. Dr. Borges Carneiro e Bellarmino Carneiro.

O programma da folha continuá, porém a ser o mesmo, e o quadro dos colaboradores soffreu, apenas, a alteração de ser ampliado.

Muito folgaremos que o nosso apreciado collega continue a ter, da parte do publico, todo o apoio de que é digno.

Avante!

Causa certa magna, lór, annos seguidos, na *Gazetilha do Jornal do Commercio*, quasi, diariamente, noticias de disturbios graves, subordinadas ao seguinte titulo: *Ainda e sempre os capoeiras!*

Rara é o dia em que o nosso collega, não emprega esse titulo, dando assim a entender, que se a policia é indifferente aos attentados d'esses perturbadores da ordem, elle, pelo seu lado, não cança, tambem, de protestar.

Nem nós!

Ora graças, que podemos registrar uma manifestação original, sem retrato a oleo e sem copo de agua!

Foi o caso que chegando a Santa Maria Magdalena, preso, o Dr. Davino, indigitado assassino de 4 escravos, um grupo de amigos e admiradores, com uma banda de musica á frente, não só foi manifestar-lhe o apreço em que o tem, como convidal-o a deixar e a prisão e a vir para a rua.

O Dr. Davino teve o bom senso de recusar...

Então, o grupo deu morras a diversas autoridades e procurou varios individuos, suspeitos de abolicionismo, provavelmente para dar algum exemplo.

Tanto esses cidadãos, como algumas das autoridades, que tiveram de intervir no processo, evadiram-se.

É Santa Maria Magdalena, ficou durante a noite, entregue ás docuras do partido da ordem.

Bonito quadro!

Campos acaba de dar effluente resposta ás tropelias, ali havidas, contra os abolicionistas derrotando o recommendado do governo e elegendo o Dr. Rodrigues Peixoto, candidato liberal e abolicionista.

A provincia do Rio de Janeiro, a mais intractavel na questão do elemento servil perdeu a sua sinistra unanimidade!

Quebrou-se o encanto!

Honra ao 6º districto, que assim abriu na noite do captivo, um canto de céu

azul, por onde entrará a luz e a esperanza, a todos os que gemem nos horrores da escravidão.

O exemplo de Pernambuco vai tendo imitadores, e, se o Sr. de Cotegipe se demorar muito, receiamos que a sua maioria se transfigure, completamente.

Domínó.

## BIOGRAPHIAS

QUARTANTANARIAS

VII

Escuta, tem paciencia,  
Do somno ab casta morada!  
A cerebral indigencia  
Em ti se acha aynhada.  
Meu viinho templo rhetorico,  
E's um arcano impolluto,  
Cada vez menos historico,  
E nada, nada Instituto!

TUTTI.

## DESEMBARGADOR FREITAS

De Pernambuco chega-nos a dolorosa noticia do fallecimento do illustre desembargador José Manoel de Freitas, magistrado imminente, ex-deputado e ex-presidente de provincia.

O elogio d'este venerando cidadão faz-se em poucas palavras: foi o primeiro magistrado brasileiro, que se recusou a commutar, em apóites, as penas impostas pelo jury aos pobres escravizados.

As suas sentenças, baseando-se na lei de Rio Branco, que reconhecia no escravizado a condição humana e não uma simples coisa, são verdadeiros monumentos, diante dos quaes a posteridade se curvará, reconhecida.

Chefe de numerosa familia, occupava o desembargador Freitas uma das varas da capital de Pernambuco, quando, ha pouco, o governo o removeu, para Goyaz.

Era uma perseguição e das mais revoltantes.

O povo do Recife, commovido com as peripecias d'essa lucta entre um magistrado integerrimo e um governo prepotente, encheu de carinhos o venerando cidadão. Mas, a sua sentença de morte estava lavrada. Elle declarou que preferia cortar a sua carreira, a curvar-se a esse despotismo.

De facto recusou a nomeação.

Mas, tudo isso, não se passou sem causar-lhe profunda impressão, vendo-se, no fim da vida, tão pobre quanto hourado, e com a carreira que tanto laureára cortada, para sempre.

Viu a sua familia, de quem era o unico arrimo e os seus doze filhos, que adorava com desvello, ao desatiparo! Apaixou-se e morreu.

Triste condição a dos homens de bem, na quadra que atravessamos!

Sobre a campa do integerrimo magistrado, depositamos as nossas lagrimas!

J. V.

## Philosophia de aranha

O PROBLEMA DA ARANHA

Completamos hoje a publicação das respostas recebidas, sobre o problema apresentado em nosso numero 467.

Rio 8 de Novembro de 1887.

Resolvendo o problema do n.º 467 do seguinte modo — a aranha subindo, na haste de 20 palmos 3 palmos por dia e descendo 2 por noite, gastará 20 dias para chegar ao fim da haste, — apresso-me em enviar-lhe a solução.

Sou etc.

Trocas.

S. Paulo, 10 de Novembro de 1887.

Julgando ter resolvido o problema, que tanto tem dado que pensar aos seus leitores, passo a expôr-lhe a solução, da seguinte fórma:

Subindo a aranha durante o dia 3 palmos e descendo a noite 2 palmos, sóbe ella de facto em um dia e uma noite — um palmo: portanto, no fim da decima setima noite terá ella subido dezasette palmos. No fim do decimo oitavo dia subirá ella mais 3 palmos que, com os 17 até então ganhos na altura, farão vinte palmos, isto é, o tópe da haste: a solução ao problema, é portanto esta: — a aranha chegará ao tópe da haste em 18 dias e 17 noites, ou 420 horas, exactamente.

Sou etc.

João Baptista Soares.

Rio, 15 de Novembro de 1887.

Ha factos na ordem social e domestica, que põem o meu limitado bestuinto em serios apuros!

O seu problema da aranha, põz-me, inteiramente, ás ditas; mas, para não desmentir a predestinação a que o meu nome obriga, sempre lhe digo que a aranha chega ao cume da haste no fim do 18º dia, como demonstro pelo desenho junto, e espero abiscoitar o premio das minhas cogitações e do desenho, pois se o amigo o mostrar, são capazes de me indigitar até, para o de *Viagem d'Europa*.

João Fernandes Carnido.

(Segue um desenho que não podemos reproduzir n'esta secção.)



D. Rodrigo escreve...  
 - Se paulista e fazer parte de um governo  
 ou negro: Játo za uia me deixa!

- Sr. D. Colégio, eu vou-me embora...  
 - Não faça isso!  
 - Homem, eu não quero ficar desmoralizado perante  
 a minha provincia, nem ligar com o Paulo

- Játo é o riabo! O Rodrigo sacando  
 a minha dacia, a minha dacia  
 de 25 ministros no meu gabinete  
 me é tudo isto por causa  
 da malícia abolição!  
 Põe hu de ficar com 3 pastas?



- Meu caro Paulino, mande-o chamar para  
 fazer com que o Rodrigo não saia. Elle tem  
 agora ideias abolicionistas, ou antes, Paulistas.  
 É preciso, pois, reunir a sua carnecida e apro-  
 sentar um projecto, que eu necessarei.



Pouco tempo depois, grande reunião  
 de negreiros presidida pelo Ilustre  
 eptal do Futuro, na Bibliotheca fluminense  
 - Ilustres senhores. Fixo o que puda  
 para resistir á onda audaciosa do  
 abolicionismo, porém, não é mais possível contel-la. Ella tem a  
 seu favor a maioria da nação, a adhesão do clero, da magistratura,  
 do exercito, da imprensa e de todos ensinm. É preciso, pois, ceder.  
 A nova lei de 28 de Setembro concedeu-nos a escravidão ainda por  
 13 annos; pois bem, mostremo-nos generosos e adiantados! Em lugar  
 de 13 annos, pedimo ao governo que nos conceda apenas, doze annos  
 e meio. (Muito bem! Apoiado! O chefe é cumprimentado)



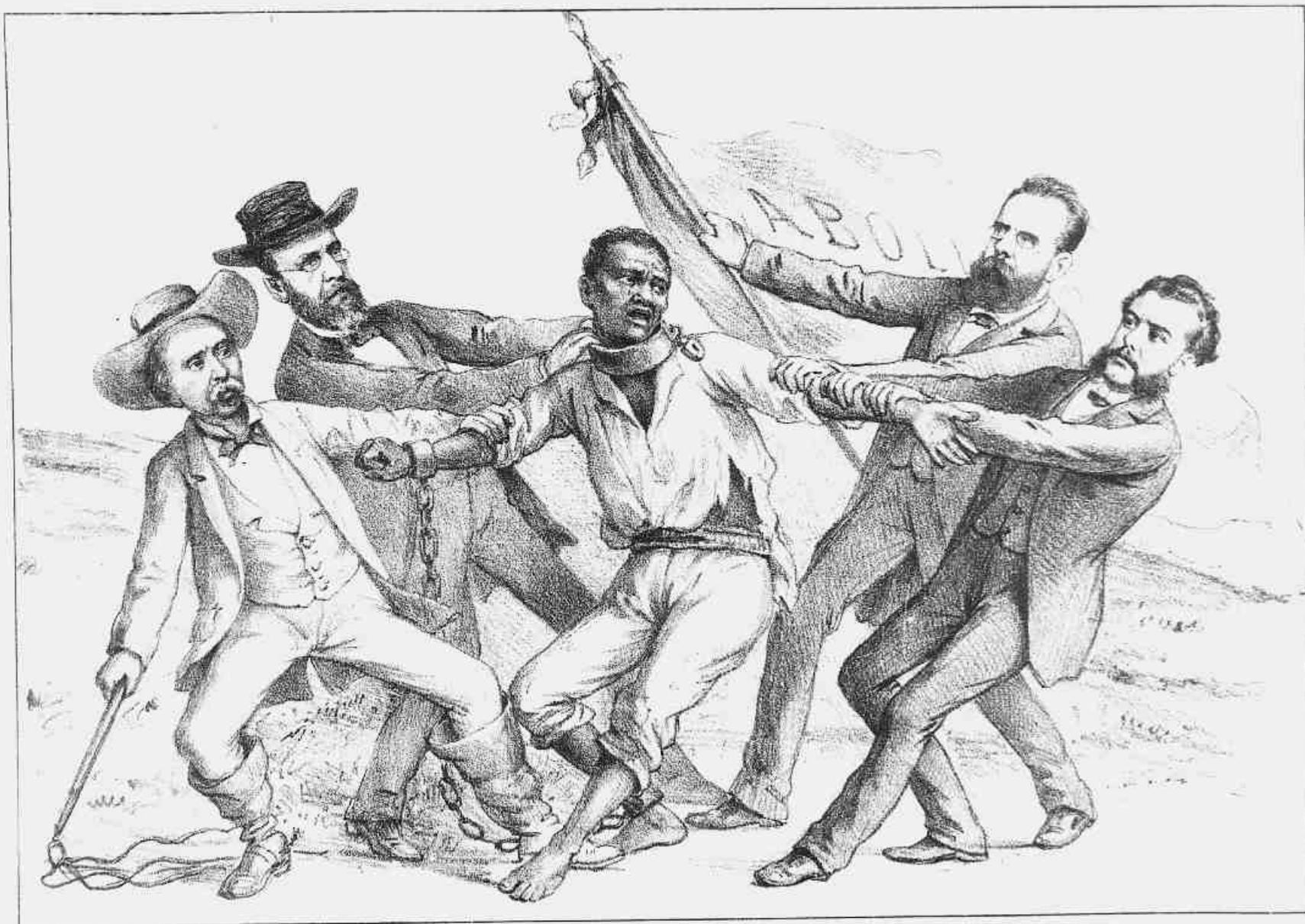
Hoje conta que não se trata da questão servil,  
 mas sim da emigração. Querem colonos em  
 terras para escravizar tudo, brancos e pretos.



Não admira, na brancura do Sr.  
 Paulino. Os barões de S. Maria  
 Macdonell são de arrebatar os  
 cabelos!

É a propósito d'este facto, estabe-  
 mos a espera do acto de justiça  
 que tem de brulcar o ministro em  
 dita  
 - Então, Sr. Mac-Donell, está derromido?

Aspecto actual da questão servil.



Já não ha mais partidos politicos. Nem liberaes, nem conservadores. Ou abolicionistas, ou negreiros!  
Os Srs. Paulino e Moreira de Barros procuram segurar o misero escravo; os Srs. Prado e Leoncio de Carvalho, esforçam-se para o arrancar das garras dos ferozes escravocratas! Em que ficamos?

*Paratyba, do Sul, 2 de Novembro de 1887.*

Credo ter resolvido o problema da *Revista* n.º 467, digo-vos que a aranha podia estar na extremidade da haste no fim do 18.º dia, se se contassem os dias por 12 horas, mas contando-se pela fórmula ordinária, isto é, por 24 horas, no fim do 9.º dia a aranha concluiria a subida.

De V. S. etc.

Moestano Pereira Nunes.

*Santa Theresza de Valença, 10 de Novembro de 1887.*

Pensando detidamente no seu problema da aranha, fiz para mim estas reflexões, muito conhecidas:

O homem embora forte e superior a todos os annuaes, constituindo-se rei da criação, nem por isso a natureza o dotou de certas particularidades, que offerecem os mais insignificantes insectos.

A aranha, por exemplo, tem em si um grande recurso, que lhe facilita a vida. Do ventre ella expelle, quando lhe apraz, um fio ou teia, mais ou menos consistente, com que faz lindas e poeticas redes que ondulam nas manhãs serenas, aos primeiros raios do sol. Essas redes, como todos sabem, são uma armadilha, onde caem milhares de insectos, que vagando pelo bosque ou campina, procuram alimentação.

A vigilante caçadora, logo que avista a presa na rede, desce ligeiramente de sua vivenda apertando as malhas, para evitar a fuga do infeliz, que em poucos segundos fica sem intestinos.

Tendo observado que a aranha, mais lésta que um marinheiro, desce e sobe por seu fio, o que faz de preferença a outro qualquer meio, entendi d'esta forma ter achado o gato, e resolvido o problema como demonstrarei. Sobre uma haste de 20 palmos de altura, uma aranha sóbe, durante o dia 3 palmos, e desce 2 durante a noite. Perguntou-se: quantos dias levará para chegar ao alto? Respondo: em 7 dias, pela seguinte forma: A aranha caminha de baixo para cima da haste 3 palmos no 1.º dia, e á noite prende a sua teia ou fio n'esse ponto e desce por ella até confrontar o alto da linha do 1.º palmo, e volta nessa mesma noite, para estar no dia seguinte, no seu ponto de jornada.

No 2.º dia a viajante prosegue o seu caminho pela haste acima, e andando durante o dia 3 palmos, chega ao ponto onde tem andado 6 palmos, á noite; ata a sua teia e desce por ella independente da haste e sem prejudicar o itinerario tornando a subir chega ao mesmo ponto e assim, progressivamente, a aranha caminha 3 palmos por dia e á noite desce 2 palmos, porém na sua teia, sem dependencia da haste.

Assim creio meu caro Sr. Thomé Junior que V. S. enviará o premio ao

Seu amigo etc.

Manoel Gonçalves de Siqueira.

*Santo Eduardo, 5 de Novembro de 1887.*

Leindo o conteúdo do problema da *Revista Illustrada* n.º 467, tratei de descreminlo-o e parece-me que a aranha só podia fazer o seu curso no prazo de 20 dias, visto subir 3 palmos por dia e descer 2 palmos por noite.

Logo, o que augmentava de dia, diminuia de noite, e neste caso o trajecto de 20 palmos do madeiro só podia ser feito em 20 dias.

De V. S. etc.

Francisco Furiado da Costa.

*S. Izabel do Rio Preto, 11 de Outubro de 1887.*

Prezadissimo Amigo e Sr. Tendo eu resolvido o problema da *Revista* n.º 467 sobre aranha subir a uma haste de 20 palmos, 3 palmos durante o dia e descendo 2 durante a noite, participei que chega justamente no dia 18, ás 5 horas e 18 minutos da manhã.

De V. S. etc.

A. N. de A. M.

*Itatiba, 10 de Novembro de 1887.*

Simplez amador, dediquei-me a solução do problema da — aranha — e creio tê-la encontrado.

Ella: — Se a aranha começar o seu trabalho ás 10 horas da manhã, terá subido até ás 6 da tarde — 2 palmos, que descerá d'essa hora até ás 6 da manhã seguinte; d'ahi até ás 10, 24 horas completas) terá subido mais 1 palmo, o que representa a sua ascensão durante o primeiro dia; no 2.º dia terá, pelo mesmo movimento, subido mais 1 palmo e assim por diante até o 18.º dia, ás 10 horas da manhã, em que terá subido 18 palmos; dessa hora até ás 6 da tarde subirá os 2 palmos restantes, e tendo chegado ao alto da haste terá vencido toda a difficuldade. São portanto precisos 18 dias e 8 horas para ella fazer a ascensão.

Cumpre notar que precisamos admitir que a velocidade de seus movimentos seja constante, executando a ascensão de 1 palmo em 4 horas e a descida de 1 palmo em 6 horas.

E a solução que me parece exacta e por isso so tomo a liberdade de remetter-l'ha.

Se conseguir o premio, mais me orgulharei em possuir o primeiro anno da *Revista*, do que em haver achado a solução, e esperançoso subcrevo-me

De V. S. etc.

Pr. E.

*Espirito Santo do Mar de Hespanha, 9 de Novembro de 1887.*

A solução do problema publicado na *Revista Illustrada* sob n.º 467, tal qual se acha concebido, é esta:

A aranha, no periodo diurno, sóbe 3 palmos da haste proposta, e no periodo nocturno, desce 2; e como o sagaz insecto não sobe mais, e nem desce, naturalmente fabrica a sua teia, no ponto em que se aloja, para nella prender os pobres insectos.

Seu etc.

J. O. Padilha.

*Vidale de Ubit, — 42 — 11 — 87.*

Credo já chegar um pouco tarde a minha descreção sobre o seu problema; porém vá lá, pra ficar fraguera.

Consultando as aranhas cá de casa, deparei com uma conclusão definitiva.

V. Ex. pergunta quantos dias leva uma aranha para percorrer uma haste de 20 palmos, não é? Logo, responderei: 7 dias só, porque os que desce a noite e particularmente, de capricho, o tempo perdido em summa, e o que se deseja saber é quantos dias e não noites gasta.

Cheguei tarde mais ganhei a partida.

Sou etc.

L. C. Nogueira.

*E. Corymbotaky, 12 — 11 — 87.*

Am.º e Sr.º.

Acreditando tambem, ter resolvido o seu problema da aranha, que V. S. publicou, n'um dos numeros da *Revista*, e muitissimo interessado pelo premio prometido, tenho a dizer-lhe: a aranha subindo 3, e descendo 2 palmos, em 18 dias, está na altura de 18 palmos; e faltando 2 palmos para os 20, altura da haste, e tendo de subir 3, e descer 2, fez pela maneira seguinte: subiu os 2, desceu os mesmos 2, e subiu mais um; de sorte que subiu os 3, e desceu os 2, chegando nos 19 dias, nos 19 palmos; e faltando um palmo para os 20, fez pela maneira seguinte: subiu um, (que faltava) desceu o mesmo um, tornou a subir um, tornou a descer um, e tornou a subir, tendo assim subido os 3, e descido os 2; chegando ao fim da haste em 20 dias justos!

Ganhei o premio?... Remetta logo, que estou ancioso.

De V. S. sou etc.

C. F. A.

#### PROBLEMA

Se for de ventos a terra  
Mais alguém comtigo irá!  
Mas, se ganhar a corrida  
Venho o premio! Ora, ah! está!  
E que corrida tamanha,  
No tal problema da aranha!

A maldita spathia-mosera  
Muito mais fina que eu,  
Pra chegar subiu-descendo  
Quando chegou, não desceu.  
Eis o segredo, a artimanha,  
Do tal problema da aranha!

Passados deseito dias  
A andar pra frente e pra tras,  
Ondegou n'aurora cianina  
Deseito palmos, não mais!  
Oh que bisco a tal aranha!  
Stá quasi a corrida ganha.

O monstro só tendo em vista  
Dois palmos mais a subir,  
Saltou-os em oito horas,  
Onde mais tinha que ir?  
E, pois certo a não se extranha  
Que fique parada a aranha.

Desmanchada a differença,  
Eis como a coiza ficou!  
A aranha em dozeito dias  
E oito horas chegou.  
Oh que bisco a tal aranha!  
Assiguo.

José Patrão.

A solução é a seguinte :

1880.15

No 17.º dia, a aranha tem subido 17 palmos e como no dia seguinte sobe 3, acha-se então, no tópo da hante.

Encerrado no dia 15 o prazo para o recebimento das respostas, vê-se, pela correspondência publicada, que diversas pessoas resolveram o problema. Para salvar esta hypothese, que nos collocaria em embarças, estabelecemos, que o premio seria concedido ao primeiro que decifrasse o problema, achando-se n'estas condições o Sr. Manoel Gonçalves de Siqueira de Santa Thereza de Valença.

Uma dúvida se suscitou, porém, a esse respeito, por ter o mesmo senhor, depois de enviada a resolução exacta, mandado outra, que não estava nas mesmas condições.

Tendo nós, porém, declarado que o premio seria conferido *à primeira pessoa que apresentasse a resolução exacta*, achamos que o Sr. Siqueira preencheu essa condição, e que a sua segunda carta não alterou o direito que tinha ao premio, por ter sido o primeiro que deu a solução pedida.

Assim, pois, pôde o Sr. Siqueira mandar buscar, em nosso escriptorio, o volume do 1.º anno da *Revista Illustrada*.

THOMÉ J.º

## Pelos Theatros

No *Recreio Dramatico* tem continuado a ir à scena o bello drama *A Cabana do Paiz Thomaz*, um dos maiores successos dos theatros fluminenses, nos ultimos tempos.

O publico tem correspondido aos bons descejos da empresa, comparecendo ao theatro e applaudindo, francamente, aquellas scenas patheticas, em que o amor da liberdade, o sentimento da familia, se desenhão com as mais vivas cores.

É uma peça de muita actualidade e que reúne todos os requisitos para agradar.

Tambem, uma vez por outra, tem sido repetido o *Naufragio da Fragata Medusa*, drama cheio de peripectas terriveis, proprio ás sensações fortes, que muitos apreciam no theatro.

Prepara-se, tambem, o *Recreio Dramatico*, para festejar, condignamente, no dia 20, o quarto anniversario da organisação da empresa.

O Dias Braga e seus dedicados companheiros preparam, para domingo proximo, tanta coisa, que já estamos a ver o *Recreio* transformado, n'esse dia, n'um verdadeiro Eden.

Não faltaremos.

No S. *Pedro de Alcantara*, representou a companhia da Phenix, sabbado ultimo, o apparatuso drama, tirado da politica portugueza e intitulado *Constitucionaes e Miquelistas*.

Tanto o drama como o desempenho agradaram bastante, sendo muito applaudidos os principaes quadros.

No *Recreio Fluminense* continúa a trabalhar a companhia Ficarra, tendo levado à scena, sabbado ultimo, os *Senos de Corneville*.

No *Sant'Anna* continúa o *Amor molhado* a fazer diabruras.

No *Eden*, não ha novidade digna de menção.

No edificio do Club gymnastico francez, realizou a sociedade *Congresso Beneficente Martins de Pinho* uma *kermesse* e concerto, em beneficio dos cofres sociaes.

Pelo modo como se acha projectada essa diversão, que irá até ao dia 27, tudo indica que será uma festa brilhante e animada, á qual não faltará, nem o entusiasmo dos socios, nem o concurso do bello sexo.

BISOUCCO.

## Notas & impressões

TRACOS E ILLUMINURAS. — Recebemos este formoso livro, devido á penna de D. Julia Lopes, e contendo uma série de contos delicados e graciosos.

O livro, em edição de luxo, foi impresso em Lisboa, e tem uma capa de lindo effeito, a chromo e ouro.

Do que, até agora, podemos ler, conservamos as mais agradaveis impressões.

A' sua illustrada auctora, agradecemos a amabilidade da offerta.

ALMANAK DAS HORAS ROMANTICAS. — Eis um livrinho bem desopilante, que todos os annos nos faz uma agradável visita!

Bem curiosa, a seguinte scena, que elle nos descreve sob o titulo de *Quiproquo* :

O Sr. F... sahia de um theatro a altas horas da noite. Ao voltar de uma esquina deparou-se-lhe um individuo que com a maior urbanidade lhe pediu lume. O Sr. F... prestou-lhe de bom grado o seu charuto, que o desconhecido demorou por algum tempo para acender o cigarro. Surgiu, porém, de subito, no pensamento do Sr. F... a idéa de que muitos gatunos se aproveitam de igual pretexto para empalmarem a qualquer transeunte, objecto de valor, e levou immediatamente a mão ao bolso do collete.

Faltava-lhe o relógio.

Todos os membros lhe tremiam, mas, cobrando animo, disse ao desconhecido, com a voz mais forte que pôde arranjar : — O relógio, ou mate-o !

O desconhecido, talvez, amedrontado com aquelle rasgo de heroismo, tirou o relógio da algibeira, entregou-o ao Sr. F... e deitou a fugir, como se toda a policia lhe fosse no encalço.

Satisfeito do modo por que terminára aquella aventura, o Sr. F... dirigiu-se para casa, e o seu primeiro cuidado foi contar á esposa o que lhe succedera.

Ella ficou muito surprehendida e perguntou ao marido :

— Que relógio pediste a esse homem ?

— Que relógio ? ! O meu ! O meu

magnifico relógio, que elle já me tinha empalmado !

— O teu ? Pois não te lembras de que, antes de sahires, o deixaste em cima d'aquella mesa ?

Tableau !

O supposto larapio fôra roubado pela sua victima !

ORLANDO PACIFICO.

## Novo problema

Attendendo ao interesse que despertou a diversão, por nós proposta, no n.º 467 do nosso jornal, apresentamos hoje um novo problema, para o qual receberemos soluções até ao dia 17 do corrente.

O problema, que propomos é o seguinte : De volta de um engenho de assucar aonde tinha ido comprar aguardente, um capira encontra um compadheiro, que tambem lá ia, para o mesmo fim.

— Para onde vaes, compadre ?

— Vou encher estas duas vasilhas de aguardente, lá no engenho.

— Tempo perdido ! respondeu o primeiro. De lá venho e comprei a que havia : esta vasilha de oito medidas.

— Pois, compadre, tenha paciencia, ha de ceder-me metade. Trago estes dois barris, um de cinco medidas e outro de trez, e das suas oito medidas ha de ceder-me quatro.

— Está dito.

Pergunta-se: como é que elles fizeram a divisão exactamente ?

As respostas serão recebidas até quinta-feira.

O proprietario do estabelecimento *Ao Paraizo das Creações* tendo posto á nossa disposição, um objecto, do seu negocio, para servir de premio a algum problema por nós proposto, cahiu a nossa escolha em um lindo apparatuso de porcellana dourada, para creanças. Em nome dos amadores, e, sobretudo, do futuro vencedor, d'aqui lhe agradecemos essa delicada attenção.

Ao primeiro que apresentar a resolução exacta, offercamos, pois, esse delicado brinde, que se acha em exposição na casa Gustavo, á rua dos Ourives n.º 45.

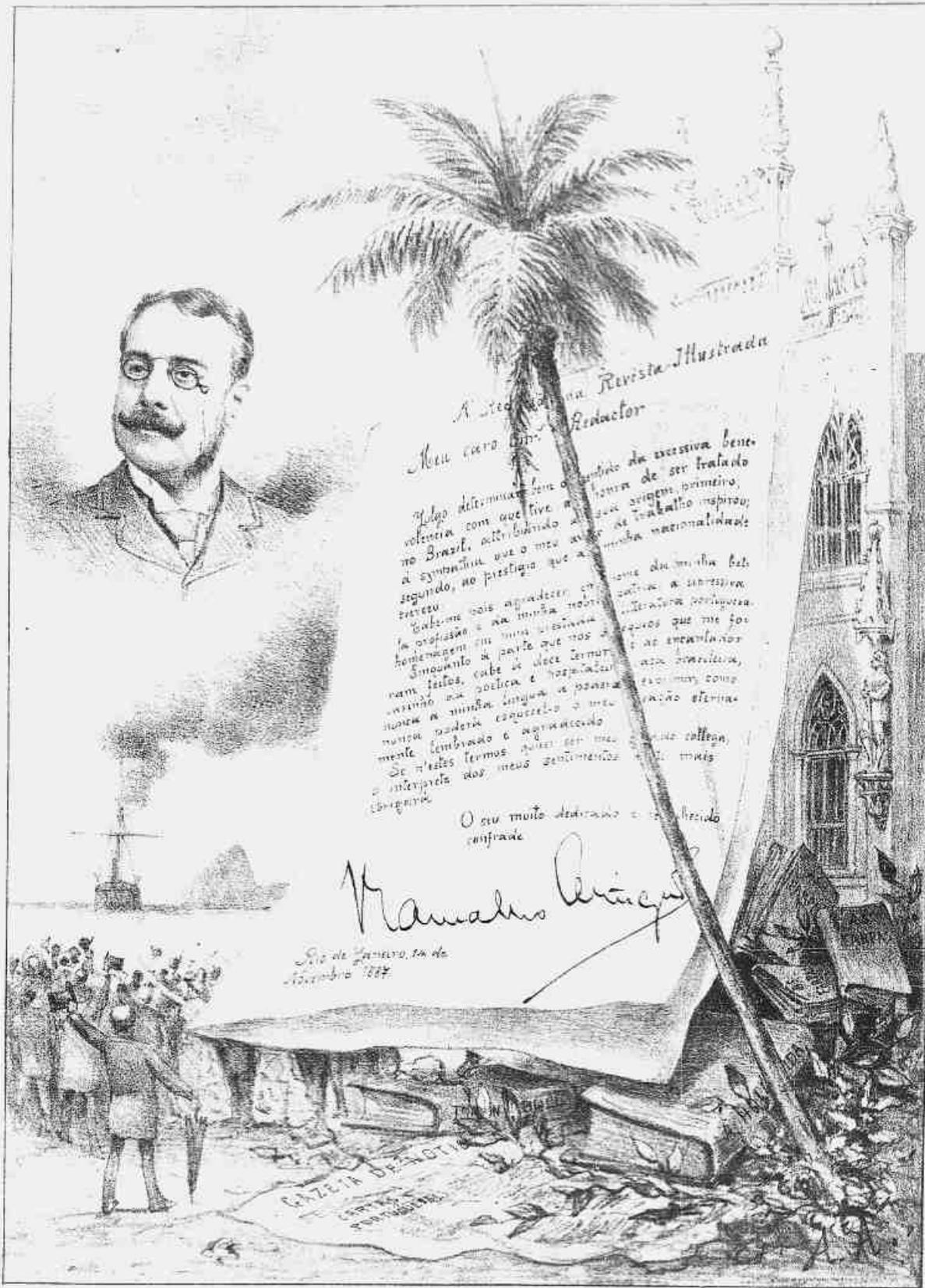
O premio é tentador... Ao problema, pois !

THOMÉ J.º.

## Aviso

Aos nossos assignantes que se acham em atrazo, rogamos a fineza de mandarem regularisar suas contas, podendo fazel-o em carta registrada, pelo correio ou por qualquer outro modo, pelo que, desde já, lhes apresentamos os nossos agradecimentos.

A ADMINISTRAÇÃO.



A lida da Revista Illustrada  
 Meu caro Sr. Redactor

Julgo de terminarem o trabalho da excessiva bene-  
 volencia com que vive a honra de ser tratado  
 no Brasil, attribuindo a sua origem primeiro,  
 a sympathia que o meu trabalho inspirou,  
 segundo, ao prestigio que a imprensa nacionalizou;  
 talvez mais agradecer a honra da minha bel-  
 la profissao e na minha modesta litteratura portugueza  
 homenagem em minha modesta litteratura portugueza  
 Simultaneamente a parte que nos a honra que me foi  
 ram feitos, cabe de voce tornar a encarnar  
 minha a minha politica e hospitalidade, e de mais como  
 nunca poderia esquecer a minha honra e  
 mente lembrando a homenagem  
 De n'estes termos quei ser meu  
 o interprete dos meus sentimentos  
 obrigado

O seu muito dedicado e  
 amigo

Ramalho Ortigão

São de Janeiro, 24 de  
 dezembro 1884

CASA DE BRANCO  
 CANTO  
 PORTUGUEZA

Um adeus a Ramalho Ortigão